

A LEALDADE,

ORGÃO DA IMPARCIALIDADE.

Publica-se nos dias 10, 20 e 30 de cada mez.—Assigna-se á 15500 rs. por trimestre.

FOLHA AVULSA 160 RÉIS. *L. Britica*

Anno I

Desterro 20 de Maio de 1868.

N. 2.

Aviso.

As pessoas que aceitarão o 1.^o numero d'esta folha, e a não devolverão, ficão consideradas assignantes.

A LEALDADE.

DESTERRO, 20 DE MAIO DE 1868.

Triste, e assaz deploravel, é o estado em que se atha a nossa malfadada terra.

Sem poder dispor de recursos pecuniarios, e por isso falta de melhoramentos materiaes de reconhecida e absoluta necessidade, a infeliz provincia de S. Catharina opressa nestes tres ultimos annos sob o poder de uma calamitosa administração, prevê com pezar a sua futura decadencia, que será inevitavel, se uma nova estrella, raiando no horisonte do Brasil, lhe não trouxer a esperança de uma sorte mais propicia.

Debalde é o povo quotidianamente sobrecarregado de elevados impostos; a renda em vez de ir augmentando, diminúe consideravelmente, graças ás profusões e prodigalidades dos nossos Pais da Patria.

O estado das nossas pontes, estradas etc. etc. e o da instrucção publica, mórmente secundaria; de que tem feito os Jesuitas um quasi completo monopolio, é bem digno de lastima; e no entanto do q' menos se importarão alguns dos illustres escolhidos do povo, foi de applicar o remedio á esses dous males (falta de instrucção, e de meios de communicação) que nos pódem acarretar graves e bem sérias consequencias.

Mas o que podemos nós, jovens, que ago-

ra começamos á trilhar as vias do jornalismo, contra tamanho poder? se é mister que se exgotem os exiguos rendimentos da nossa provincia, na sustentação de um estabelecimento de nenhuma utilidade, ou mais claro, de grande prejuizo para a mocidade inexperiente, como esse collegio, sob a direcção dos avidos filhos de Loyola, esses apóstolos da ignorancia e do fanatismo, inimigos reconhecidos da civilisação e do progresso, que, aqui aninhando-se, como preceptores da mocidade, não tardarão muito em assenhorear-se do pulpito, incutindo no animo dos incautos jovens, e das devotas catharinenses as torpes e hediondas doutrinas que professão, acobertadas com o sagrado manto da religião, unico meio de que lanção mão para conseguirem seus detestaveis e indignos fins.

Nada podemos nós, reconhecemos perfeitamente esta dura verdade; todavia não esmorecemos, e, firmes no nosso proposito, continuaremos sempre á advogar os interesses da desditosa provincia de Santa Catharina, que ainda se deixa dominar por uma facção ambiciosa e corrompida.

Chamamos a attenção do Revm. Arcypriste da Provincia, para os escandalos, e inqualificaveis abusos, que, quasi todas as noites na igreja de N. S. do Rosario, praticão os santos padres da não menos santa Sociedade de Jesus, que além de adulterarem factos consignados na Escriptura Sagrada, tem a petulancia e o arrojo de censurar a maneira porque se apresentam as senhoras na igreja, ornadas de fitas etc etc, usando á

cada passo dos termos mais obscenos e degradantes.

Da auctoridade competente á quem denunciámos estes acontecimentos esperamos providencias á respeito.

DOM BERNARDO DE ZUNIGA.

POR

ALEXANDRE DUMAS.

Trad. de F. de A.

I

A fonte santa.

Era á 25 de Janeiro de 1492.

Após uma lucta de oitocentos annos contra os Hespanhões, acabavão os Mouros de render-se na pessoa de Al-Shaghir-Abou-Abdallah que, á 6 do mesmo mez, isto é no dia de Reis, havia restituído a cidade de Granada aos seus vencedores, Fernando e Izabel.

Em deus annos os Mouros conquistarão a Hespanha, e para recuperá-la oitocentos annos precisos.

Divulgou-se a noticia d'esta victoria.

Por toda a Hespanha repicavão os sinos nas igrejas, como se fosse o dia da resurreição de Christo, e de todos os lados partião estes brados: Viva Fernando! viva Izabel! viva Leão! viva Castella!

Ainda não era tudo: dizia-se que n'este anno, em que Deus encherá de benções a Hespanha, um celebre viajante se apresentara aos dous reis, e promettera dar-lhe um mundo desconhecido, que tinha certeza de descobrir em caminho do oriente para o occidente.

Todos porem, julgando isto fabula, classificarão de louco ao apprehendedor aventureiro, que não era outro senão Christvão Colombo.

De resto, estas noticias, n'uma epocha, como essa, de difficeis communicações, não se havião espalhado positivamente por toda a Peninsula. Ao passo que, topographicamente, as provincias se apartavão d'aquella, em que os Mouros tinham concentrado todo o seu poder, e que, desde desenove

dias Fernando e Izabel tinham libertado, assim como á medida que afastando-se de um centro de luz, os objectos entrão á poução e pouso na obscuridade, assim as populações duvidavão ainda desta extrema ventura, que cabia á todo orbe christão, e agglomerando-se em roda de todos os viajantes que vinhão do theatro da guerra, pedião-lhes detalhes sobre este grande acontecimento.

Uma das provincias, não das mais afastadas, porem mais separadas de Granada, pois duas immensas cadeas de montanhas se alongão entre ella, e esta cidade, a Estremadura, a Estremadura situada entre Nova-Castella e Portugal, e que deve seu nome á sua extrema posição nas nascentes do Douro, tinha grande interesse em ser iniciada, que, já livre dos mouros, desde 1249, por Fernando III de Castella, pertencia desde esse tempo ao reino de que era herdeira Isabel, que acabava de receber o nome de Catholica.

Uma grande multidão de gente se achava tambem reunida, no dia em que começa esta historia, isto é á 25 de Janeiro de 1492, no pateo do castello de Bejar, onde acabava de entrar Dom Bernardo de Zuniga, terceiro filho de Pedro de Zuniga, conde de Bagnarès e marquez d'Ayamonte, senhor deste castello.

Ora ninguem podia dar noticias mais frescas e detalhadas dos Mouros e Christãos, do que Dom Bernardo de Zuniga, cavalleiro do exercito de Izabel, que, tendo sido prisioneiro em uma sortida tentada pelo heroe dos Arabes, Mousay-Ebn-Aby'l-Gazan, tinha sido mandado, ferido, para a cidade sitiada, cujas portas lhe não forão abertas senão no dia em que os Christãos ahi fizeram sua entrada.

Dom Bernardo na epocha em que nos apparece, isto é no momento em que, após dez annos de auzencia, entra no castello de seu pai, cavalgando o seu magnifico corsel, rodeado de pagens, e criados, era um homem de trinta e cinco á trinta e seis annos, enfraquecido pelas fadigas e sobretudo pelas feridas, e que seria demasiado pallido,

TRANSCRIPÇÃO.

se o seu rosto, queimado pelo ardente sol do Meio-Dia, não tivesse uma côr denegrida, o que fazia tomarem-no por irmão e compatriota dos homens que elle vinha de combater.

Era tão exacta esta semelhança, que envolto como estava no alvo manto da ordem d'Alcantara, uma parte do mesmo enrolada na frente, para garantil-o da brisa das montanhas, assemelhava-se tanto ao *burnous* árabe, que o tomarião facilmente por isso, se não fosse a cruz verde que todos os cavalleiros costumavão traser ao lado esquerdo do peito.

A comitiva que agora entrava com elle no pateo do castello, havia-o acompanhado, desde a sua apparição na cidade; mesmo antes de o reconhecerem já tinham adivinhado que aquelle homem sombrio, de olhar severo e porte heroico, envolto em um manto religioso, e guerreiro ao mesmo tempo, chegava do theatro da guerra.

Seguião-no todos para saberein novas. Então sendo chamado, convidou as pessoas do seu sequito á acompanharem-no até o castello, onde, logo que chegou, apeou-se, no meio de signaes de respeito e de affeição.

Depois de têr dado á segurar as rédeas do seu cavallo á um escudeiro, e recommendado este bravo companheiro de suas fadigas, que, como seu amo, tinha mais de um signal visivel da lucta que vinha de sustentar, Don Bernardo de Zuniga subio os degraus da casa exterior, que conduz á entrada principal do castello; depois transpondo o ultimo, voltou-se, narrando para satisfazer a curiosidade d'aquella gente, como Fernando o Catholico, depois de ter tomado trinta posições fortissimas e tantas cidades, acabou por sitiãr Granada; como, depois de um longo e terrivel cerco, Granada se rendeu á 25 de Novembro de 1491, e como finalmente o rei e a rainha ali fizeram sua entrada á 6 do mez de Janeiro, dia de Santa-Epiphania, deixando, por unico dominio, ao successor dos reis de Granada e dos califas de Cordova, uma pequena dotação nas Alpujarras.

(Continúa.)

Um desengano importante para todos.

(Conclusão.)

Nossa bendita religião nos certifica que esta bondade não se estende sómente aos santos, aos que são dignos; mas até aos homens mais criminosos, mais vis, mais indignos; e nos explica como é que a bondade para com estes pôde combinar com a santidade e a justiça perfeita. E' porque Jesus morreo voluntariamente, como nosso substituto, por nossos crimes e peccados que o justo juiz pôde declarar-nos livres de toda a condemnação e fartar-nos de gozo, em lugar de carregá-nos de castigos. Bem diz o Christianismo—*Deos fez brilhar seu amor para connosco* PORQUE MORREO CHRISTO POR NÓS!

As doutrinas do Christianismo, pois, sobre este assumpto são diametralmente oppostas ás do paganismo. Este nos mette horror, trs inclina á fugir de Deos, e ter o menos possivel á fazer com elle; aquelle nos mette paz, esperanza, confiança, alegria, amor, nos inclina á chegar-nos, com a mais profuuda humildade, mas chegar-nos ao Altissimo mesmo, e chamal-o o Nosso Pai, nos faz adoral-o com todo o coração, e gloriarmo-nos em Deos, na certeza do seu amor para connosco.

Mas, ainda que o Christianismo é tão opposto ao paganismo, ha quem queria combiná-los, e nos offerece a *composição* como a RELIGIÃO VERDADEIRA! Com o Christianismo diz que Christo pagou nossos peccados com seu sangue, e com o paganismo, que cada um que se salva tem de pagar os proprios peccados, e que aquelle que os não tiver descontado n'esta vida ha de ir depois pagar tudo em uma prisão intoleravel.

O que é isto, senão dizer que a paixão de Christo não vale nada áquelles pelos quaes morreo, pois cada um ainda tem de pagar por si mesmo. E assim a religião composta representa o Senhor Deos como peor do q' os Deuses dos gentios, visto que, além da crueldade d'estes, nol-o representa como in-

justamente exigido d'ous pagamentos da mes-
ma divida, um da mão de Christo, e outro
da nossa!

E' verdade que, para sustentar a religião
composta é preciso truncar a lei de Deos, tro-
car o Evangelho e roubar ao povo o uso do
livro divino. Que importa? Uma vez que os
homens creião que; á força do Vinheiro, cer-
tas pessoas podem livrar d'aquella prisão á
elles e á seus parentes, não faltará quem pa-
gue: fará conta áquellas pessoas (se puderem)
obrigar á todos a seguir sua religião; e le-
vantar o grito de «herege» contra toda aqua-
lle que manifestar o verdadeiro caracter de
Deos, e a verdadeira religião de Jesus.

Critico.

(Do Jornal do Commercio.)

POESIA.

A' Armenia.

Não chóres por mais tempo, Armenia cara!
O pranto enxuga, que te fez vertes!
Ah! tudo esquece, e me não lembres nunca
As cruéis dores que eu te fiz soffrer!

Sim, eu t'o peço, não recordes mais
Esses martyrios, de que eu fui culpado!
Soffreste muito!.. Mas qu' importa? agora
De amor mil provas te não tenho dado?!

Não chores mais um' hora, que esse pranto
Nada nos vale a nós, que hoje abrasados
N'um santo e puro affecto, só vivemos
P'las mesmas illusões sempre embalados!

Não mais chores, Armenia, minh' amante!
Esquece esse passado crú e amargo,
Tão infenso á nós ambos! Hoje risos
Só devem succeder ao pranto largo:

A nuvem da desgraça dissipou-se!..
De risos e d'esperança só vivamos!
Conservando no peito sempre a creença
Em Deus, e no futuro que esperamos!..

Desterro—1868.

C...

A' PEDIDOS.

Um padre jesuita, no correr de uma pra-
tica tratando de algumas provincias do Bra-
sil, disse, pouco mais ou menos, o seguinte:

Desterro—póde ser diffamação, devassi-
lão, denegrir, devoção:

Maranhão—mentira, etc. etc. etc.

E nós accrescentaremos:

Ancona, Aquila, Arezzo—Abnegação, Ami-
sade, Abuso.

Bolonha—Beatice, Bacchanas.

Capua, Civita Vecchia—Caridade, Cor-
rupção, Cavillação.

Frascati—Fidelidade, Feitiçaria.

Girgenti—Gravidade, Ganancia.

Luca, Loreto—Liberdade, Licenciosida-
dade, Libidinagem.

Niza—Nepotismo.

Roma, Ravenna, Reggio—Reverencia, Re-
ligiosidade em ostentação, Rapinagem, Ra-
pacidade, Garibaldi Victor Emmanuel.

Sorrento—Silencio!—é a patria de Tasso.

Urbino—Perdão, sublime Raphael!

Finalmente:

Jesuitismo—Junusismo, Intolerancia, Fa-
natismo, Terror e medo da Divindade! Fal-
sidade, Refalsamento, Hypocrisia, & & &.

Matr. 8, á noite.

O curioso.

(Do Despertador.)

Pergunta innocente.

Pergunta-se ao Sr. José Silveira de Souza
Junior, dignissimo thezoureiro da thezou-
raria de fazenda d'esta provincia, se o fina-
do Amaro José Pereira (fallecido a um anno
pouco mais ou menos) fiador que era de S. S.
já foi substituido por outrem, na forma da
lei.

Com sua resposta, o Sr. Silveira Junior,
muito obrigará o seu amicissimo

Propheta.

Alta novidade.

Hontem, pelas 4 horas da tarde, tendo um
moleque furtado um queijo de uma venda á
rua de S. Francisco, o respectivo caxeiro
gritou:—pega ladrão....

O Sr. Manoel das Oliveiras, que na occa-
são transitava por essa rua, ao ouvir aquel-
las palayras proferidas pelo caxeiro, entrou
precipitadamente em um corredor!!!

Digão agora os sabios da escriptura,
Que segredos são estes da natura!

O tacão maldicto.

Typographia do «Commercial»—1868.